

DISCURSO DO SENADOR TIÃO VIANA NA SESSÃO ESPECIAL DO SENADO FEDERAL DE 25 DE MARÇO DE 2008

Sr. Presidente, Senador Antonio Carlos Júnior, Sr^s e Srs. Senadores, cumprimento de modo especial o Professor Dr. José Tavares-Neto, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia/Universidade Federal da Bahia, e o Professor Dr. Modesto Jacobino, Vice-Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia/Universidade Federal da Bahia e Presidente eleito da Sociedade Brasileira de Urologia.

Gostaria, inicialmente, de solicitar à Mesa, nos termos regimentais, que transcreva nos anais do Senado Federal o artigo intitulado *Pequena história da Faculdade de Medicina da Bahia*, de autoria do eminente Sr. Lamartine de Andrade Lima, médico ensaísta, Presidente da Academia de Letras e Artes de Salvador, Presidente Emérito do Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins e ex-Secretário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Gostaria, igualmente, que fosse inserida nesses anais uma referência expressa à publicação do livro intitulado *Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia – Memória Histórica de 1996 a 2007*, de autoria da Professora Doutora e ex-Reitora Eliane Elisa de Souza Azevedo. É imprescindível fazer constar tais registros dos arquivos da Casa, que tem em sua biblioteca Luiz Viana Filho uma referência para o mundo acadêmico.

Entendo que esta data é especial, porque ela celebra não só o aniversário de duzentos anos, o bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, mas a história da medicina no Brasil, a história da medicina na América Latina, na nossa América do Sul e, por que não dizer, de uma medicina em conexão com o mundo do tempo real, da comunicação globalizada.

A Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia é um símbolo, Ela encerra uma história extraordinária tanto para pensadores, historiadores, médicos, como para toda a sociedade. Ela expressa um sentimento de luta do País em favor da vida, da qualidade de vida, da atenção ao combate às doenças e da formação de uma consciência crítica quanto à construção de um modelo de saúde pública atual, que reflita a realidade e o tamanho do Brasil.

Estive refletindo em como tratar o tema do dia de hoje. Entendo que transcrever um pouco do que diz Lamartine Lima, que já foi lembrado nos aspectos históricos pelo Senador César Borges, e também nas palavras do Senador Antonio Carlos Júnior, seria um primeiro passo para homenagear a Faculdade de Medicina da Bahia. Vejam o que diz, num verdadeiro libelo, Lamartine Lima:

“Quando se está às vésperas de celebrar o bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, a Escola Superior Primária do Brasil, há importantes fatos a ela relacionados que devem ser lembrados.

Também se comemoram dois séculos da chegada da Família Real de Portugal ao Brasil, grande acontecimento na História pátria, e temos a festejar, inicialmente, a lucidez da idéia do Cirurgião-Mor do Reino, o pernambucano doutor José Correia Picanço, que depois seria Barão de Goiana, e a Carta-Régia, assinada nesta Cidade do Salvador pelo então Príncipe-Regente D. João, na data de 18 de fevereiro de 1808, de criação da Escola de Cirurgia da Bahia, a primeira instituição de ensino superior do Brasil.

Ela foi, desde então, instalada no Hospital Real Militar, o qual, desde 19 de janeiro de 1779, ocupava as dependências que foram do extinto Noviciado do Colégio dos Meninos da Companhia de Jesus, importante parte do que ficou conhecido como Colégio dos Jesuítas, que os próprios padres inicianos chamavam de Colégio da Bahia, no Terreiro de Jesus.

Lembremos que os primeiros professores de Medicina da Bahia foram médicos militares, e depois vieram os médicos civis. Sete anos depois de ali instaladas as aulas operatórias, através de nova Carta-Régia, firmada no dia 29 de dezembro de 1815, determinou El-Rei D. João VI que a Escola de Cirurgia fosse denominada de Academia Médico-Cirúrgica da Bahia, também nomeada como Colégio Médico-Cirúrgico, que o seu curso fosse ensinado no Hospital de Caridade São Cristóvão, na sede da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, ‘de comum acordo com o Provedor’, e data de então a profunda ligação da Irmandade de Misericórdia, até hoje, com o ensino da Medicina na Bahia.

Naquele tempo, o Real Hospital Militar foi transferido para o Convento dos Padres Agostinianos Descalços, no Largo da Palma, de onde, mais tarde, seria deslocado para a Ladeira dos Galés, em Pitangueiras, na qual se encontra, atualmente, o Hospital Geral de Salvador, do Exército Brasileiro.

Transcorridos dezessete anos, o Ato da Regência do Império, exarado a 3 de outubro de 1832, determinou que o Colégio Médico-Cirúrgico passasse a ser denominado Faculdade de Medicina da Bahia, que é atualmente o seu nome, e que já foi Faculdade de Medicina, Odontologia e Farmácia da Bahia, Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia e Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, à qual continua integrada.

No dia do 10º aniversário da gloriosa entrada do Exército Libertador na Capital Baiana, o 2 de julho de 1833, houve a mudança do Hospital de Caridade São Cristóvão, da sede da Irmandade para o edifício da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, onde permaneceria por 60 anos, até ser definitivamente transferido, no ano de 1893, para o então recém-inaugurado Hospital Santa Isabel, da Casa da Santa Misericórdia, no Largo de Nazaré.

Endereço para correspondência: Senador Tião Viana, Ala Senador Ruy Carneiro, Gab. 01 – Senado Federal - 70165-900 Brasília, DF. C-elo: tiaoviana@senado.gov.br.

Gazeta Médica da Bahia

2008;78: 1(Jan-Jun):69-71 © 2008 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

Assim, a Faculdade de Medicina da Bahia ocupou o Hospital da Santa Casa durante 139 anos, até a data de 1956, quando todas as suas cátedras de clínicas médicas e cirúrgicas e serviços complementares foram transferidos para o então recém-construído, inaugurado em 1949, Hospital das Clínicas”.

Hoje é o Hospital Universitário Professor Edgar Santos, justa homenagem à ilustre figura que instituiu a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Cabe lembrar que a UFBA tem o Senador Antonio Carlos Junior como professor, assim como teve outros membros de sua família, incluindo seu próprio avô. A história da família Magalhães conta um pouco da história da medicina e da Universidade Federal da Bahia.

Prosseguindo em seu memorial Lamartine Lima diz:

“A Faculdade de Medicina da Bahia, em sua evolução, foi testemunha, através do tempo, dos mais importantes acontecimentos nacionais: através de ato do Regente, o território passar de Colônia a Reino Unido a Portugal; a coroação real de D. João VI; o brado do Ipiranga; a coroação imperial de D. Pedro I; a Guerra da Independência na Bahia, vitoriosa no Dois de Julho de 1823; a Confederação do Equador; a abdicação do nosso primeiro imperador; as Regências Trina e Una; a Revolta dos Malês; a Sabinada; a entronização de D. Pedro II, e, mais tarde, a sua visita; a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai; a Abolição da Escravatura; a Proclamação da República; a Campanha de Canudos; a primeira Grande Guerra; a Revolução de 1930; a Segunda Guerra Mundial; a criação da Universidade Federal da Bahia”.

Uma história marcante, sem dúvida; talvez o maior testemunho acadêmico da América Latina. É digno de nota que vejamos atuando em momentos tão fortes da vida política histórica brasileira, exatamente as gerações que passaram pela Universidade Federal da Bahia.

Eu estava, há poucas semanas, meu Presidente, lendo um artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* de um professor emérito, de quem no momento não me recordo o nome, e ele lamentava-se, na qualidade de catedrático, de estar assistindo à crescente perda de interesse e de amor pela vida acadêmica brasileira. Falava do descaso com as defesas de tese, seja de doutorado, de livre docência, de *pos-doctor*. Referia-se a um cenário melancólico, sem vida, sem animação, onde, no dia-a-dia das universidades, alunos e professores, mergulhados nos seus afazeres, passam diante das salas e auditórios sem curiosidade, alheios, como se a apresentação da vida intelectual na sua essência, como se a imagem da universidade como o farol da sociedade não tivesse mais significado nos dias atuais.

Entretanto, quando observo o percurso da Universidade Federal da Bahia, em particular da sua Faculdade de Medicina ao longo desses duzentos anos, constato a diferença, vejo esboçar-se a própria História da Medicina Brasileira.

Nós edificamos através desta semente que veio da Bahia, que se propagou pelas universidades do Nordeste, da

Amazônia brasileira, do Centro-Oeste e muitas do Sudeste, um sistema de saúde que é talvez o mais belo arcabouço de saúde pública deste Planeta, mais bem definido e comprometido com a vida do povo: trata-se do Sistema Único de Saúde, com mais de 300 milhões de exames laboratoriais todos os anos, mais de nove milhões de internações, mais de um bilhão de procedimentos realizados, todos os anos, apenas nas atividades hospitalares; um sistema que acolhe um conceito de saúde ligado à vida, ligado à humanização, ligado à eficiência da gestão, que abrange e acolhe todo e qualquer cidadão brasileiro, independente da sua origem social e econômica, rompendo com paradigmas como, por exemplo, o da medicina americana que, de pronto, exclui do acesso ao sistema de saúde 50 milhões de cidadãos americanos, porque lá só é atendido quem paga ou quem tem seguro-saúde. No nosso SUS não é assim. Ele se originou, exatamente, desse sentimento acadêmico a que me refiro, essencial à formação de uma verdadeira universidade.

Um dos momentos mais bonitos da vida da Saúde Pública no Brasil que testemunhei, foi justo este ano, no último dia 18 de fevereiro, quando participei em Salvador da solenidade em comemoração aos 200 anos da Faculdade de Medicina da Bahia. Todos os professores envergando suas becas, de maneira honrosa, digna e altiva, sentindo-se reconhecidos pelo seu trabalho, participando ali do encontro das gerações e dos tempos. Dentre os presentes estava um professor formado em 1935, Dr. Junqueira, em pé, firme e brioso, ciente da importância de sua história — a história da Medicina da Bahia, que se propagou pelo Brasil inteiro.

Um momento belíssimo; um momento sublime de homenagem ao saber médico, à história da saúde pública no Brasil, estampados nesses 200 anos.

Nota-se no ambiente acadêmico criado e dirigido pelo Professor José Tavares-Neto o compromisso com o País, com a visão científica correta, permeada pelo sentimento, que não ignora a relação de solidariedade e fraternidade para incorporar apenas a relação econômica, como ocorre em muitas das cátedras das academias brasileiras hoje. Muitas delas voltadas sim para a pesquisa, mas de costas para o legítimo interesse da população.

Na FMB, a trajetória de figuras como Pirajá da Silva — iluminando e trazendo referências — Aluizio Prata, Vanize Macedo, Raymundo Paraná, de tantos que por ali passaram e deixaram suas marcas, da anatomia patológica até a pesquisa de campo, traz à memória dos futuros doutores o valor da consciência e da responsabilidade éticas norteando a vida de um profissional de saúde.

O Professor Tavares-Neto, em busca de verdades científicas que contribuíssem para a Ciência e para a sociedade brasileiras, realizou suas pesquisas de campo na cidade de Catolândia, no Semi-Árido Nordeste, onde a esquistossomose palmeava seu caminho científico de identificação. Lá se podia observar a doença agindo *in loco*, contextualizada, e, com isso, era fácil e possível compreender que o jeito de ser **jeca-tatu**, personagem cunhado por

Monteiro Lobato, era produto do meio e não a própria natureza dos habitantes daquela comunidade, a qual precisava, sobretudo, de mais Brasil perto dela. Sua vivência traduziu um sentimento de compreensão e responsabilidade para com a Ciência Médica, completamente distinto daquele cotidiano frio dos laboratórios, com ar condicionado, que muitas vezes, não tem compromisso efetivo para com a Saúde Pública do povo brasileiro.

Nos 200 anos de sua história médica, o Brasil contraiu enormes dívidas, como por exemplo, a falta do número necessário de médicos em regiões populosas, como é o caso da Amazônia, que ainda hoje tem 1,8/médicos e 0,4/enfermeiros por mil habitantes, numa flagrante e absurda desproporção em relação à região Centro-Sul. No Nordeste a situação não é muito diferente. Ao invés de o Brasil optar por distinguir-se por uma concepção da medicina correta, baseada na Ética, este País está formando médicos como se fossem atuar como balconistas no comércio; estabelecendo uma relação entre dinheiro, atendimento e responsabilidade profissional em detrimento de ter a Ciência como guia.

A Universidade Federal da Bahia é uma trincheira de resistência e compromisso, desde a área de Saúde Coletiva, dirigida pelo Reitor Naomar, até a área de Medicina Tropical; ela está absorvida pelos verdadeiros desafios da Ciência, não apenas moderna, mas devidamente comprometida.

Por tudo isso, essa singela homenagem. Temos que honrar muito a história contida nesses 200 anos, pois se trata da história da dignidade do médico.

O médico brasileiro é merecedor de um futuro extraordinário, porque ele conta com um sistema de saúde, o chamado SUS, como arcabouço, que está preparado para acolhê-lo e levá-lo a um patamar de dignidade.

Hoje, Senador Mão Santa, o jornal *Folha de S. Paulo*, traz a notícia de que existem 56 mil brasileiros sem radioterapia no Brasil. Sabemos dos problemas que afligem o Brasil: o dengue, a malária e a tuberculose, as três grandes endemias no País, ainda no século XXI.

Trago aqui, da lavra de Castro Alves, o poema *Mocidade e Morte*, inicialmente intitulado *O Tísico*, escrito em 1864, que diz:

“E perto avisto o porto.
Immenso, nebuloso, e sempre noite
Chamado – Eternidade — [...]

Oh! Eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh’ alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n’ amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
A sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.”

É a história da tuberculose, que ainda em nossos dias está matando mais de 90 mil pessoas por ano, juntamente com a malária, que mata outras tantas, e com o dengue, que tem vitimado milhares de pessoas em nosso País e, na sua forma hemorrágica, já matou mais de uma centena, até agora.

Então, os desafios dizem respeito à doutrina médica que vamos consolidar neste País. E não vai poder ser a doutrina do comércio médico; não pode ser a doutrina de uma ciência forjada como *salvadora de vidas*, mas que, na verdade, está a serviço do lucro da economia mercantilista e à margem da verdadeira atividade de saúde. Nossa ciência tem que ser uma ciência voltada para a vida, voltada para a saúde pública, no seu sentido pleno – mirando o bem estar do povo brasileiro.

Penso que o tempo nos impõe muita responsabilidade e exige a revisão dos conceitos de ensinar e aprender, do que, de fato, seja a dignidade do doente, a dignidade do profissional de saúde, daquilo que entendemos ser *formação médica* neste País, inclusive em se tratando do ensino de pós-graduação.

O Brasil tem que se questionar e muito. Se ele quiser recolocar a universidade como farol da sociedade, será preciso rever em profundidade as suas responsabilidades com os tempos atuais. A universidade jamais será um farol para a sociedade se continuar a ser tratada com descaso, como tem sido nos últimos tempos. Ela precisa contar com a consideração histórica de que é merecedora e que nos ajudou a edificá-la como referência para o mundo inteiro.

Muitos foram à Europa, nos séculos XVII e XVIII, em busca do saber médico e retornaram para frutificá-lo no Brasil. Graças a eles, nos dias de hoje, temos brasileiros se destacando nas universidades de ponta deste planeta, contribuindo para afirmar um pensamento médico-científico.

Em homenagem a eles, em respeito à história e ao sacrifício das belas biografias que compõem a Medicina brasileira, que esta data sirva de alerta aos Ministérios da Educação e da Saúde, para a importância de reavivarmos o amor pela ciência aplicada, colocando-a sempre a favor da vida, e de assegurarmos qualidade na formação científica de nossos profissionais.

Encerro, após este modesto registro em respeito à história da Faculdade de Medicina, convicto de que o debate esse debate é essencial.

Que a Faculdade de Medicina da Bahia seja reconhecida em todo Brasil como formadora de gerações que contribuíram firmemente para a construção do sistema de saúde que hoje temos: pronto para servir bem à população brasileira, mas ainda não bem compreendido, porque o interesse mercantilista fere de morte princípios e responsabilidades.

Parabéns, meus cumprimentos e minha sincera homenagem a todos os professores da Instituição.

Não esquecerei jamais a honra de ser o terceiro brasileiro, ao lado de Carlos Chagas e Oswaldo Cruz, naturais outros estados, a receber o título de Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia.

Muito obrigado.

Tião Viana

Senador pelo Estado do Acre